

# CADERNO DE SUGESTÕES

**Livro** Tuiupé e o maracá mágico



## **Autoria**

Geruza Zelnys

Especialista do Instituto Avisa Lá

## **Coordenação**

Ana Carolina Carvalho

Érica de Faria Dutra

Coordenadoras do Instituto Avisa Lá



Companhia das Letrinhas

# CADERNO DE SUGESTÕES DO(A) EDUCADOR(A) MEDIADOR(A)

**Livro**

*Tuiupé e o maracá mágico*

**Autoras**

Auritha Tabajara

Paola Tôrres

**Ilustradora**

Tai

**Indicação**

1º e 2º anos — crianças em processo de alfabetização (a partir dos 6 anos de idade)

**Gênero literário**

Narrativas de cordel

**Conteúdo**

Instituto Avisa Lá

**Revisão**

Adriana Moreira Pedro

# SUMÁRIO

<b>Carta de apresentação</b> .....	<b>IV</b>
<b>Por que ler <i>Tuiupé e o maracá mágico</i>?</b> .....	<b>V</b>
Quem escreveu e quem ilustrou este livro .....	<b>V</b>
Relevância da obra .....	<b>VI</b>
Contribuição deste livro para a formação leitora .....	<b>VII</b>
<b>Propostas de mediação</b> .....	<b>IX</b>
Olhar que escuta: o que as imagens nos contam? .....	<b>X</b>
Narrativas da tradição e cosmovisão .....	<b>XI</b>
A relação entre o cordel e a musicalidade indígena .....	<b>XIV</b>
<b>Atividades e Projetos literários</b> .....	<b>XV</b>
Atividades	
Criando instrumentos e sons .....	<b>XV</b>
O que a terra me dá? O que ela espera de mim? .....	<b>XVI</b>
O que carrego na minha bolsa de histórias? .....	<b>XVI</b>
Projetos	
Oficina de cordéis .....	<b>XVII</b>
Oficina de retratos com rosto-território .....	<b>XVII</b>
<b>Recursos complementares</b> .....	<b>XVIII</b>
<b>Referências bibliográficas</b> .....	<b>XIX</b>

## CARTA DE APRESENTAÇÃO

### **Caro(a) educador(a) mediador(a),**

O *Caderno de sugestões do(a) educador(a) mediador(a)* é um material que contribui para sua mediação de leitura. Traz propostas e informações sobre o livro *Tuiupé e o maracá mágico*, indicado para leitores dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental — 1º e 2º anos — em processo de alfabetização e a partir de 6 anos de idade. Começa com a apresentação do livro, das autoras e da ilustradora, expondo a relevância da obra no desenvolvimento de práticas leitoras e letramentos nas escolas e bibliotecas. Depois, há propostas para apoiar a mediação de leitura, por meio de caminhos possíveis para mergulhar neste livro, além de atividades práticas e projetos literários — sempre valorizando aspectos da literatura que dialogam com as experiências de vida dos leitores. Por fim, há recursos complementares a serem explorados na mediação e as referências bibliográficas que fundamentaram a elaboração deste material.

*Tuiupé e o maracá mágico*, de Auritha Tabajara e Paola Tôrres, é uma narrativa de cordel com temática indígena capaz de encantar os leitores por sua qualidade estética — seja pela sonoridade embalada no ritmo das rimas, seja pela performance invocada na leitura em voz alta, como também pela magia da infância e do universo imagético e ancestral dos povos originários. Além disso, a qualidade ética da obra destaca-se pelo respeito às tradições indígenas, enfatizando os papéis sociais exercidos por cada sujeito para a promoção de uma economia orgânica baseada em empatia, senso comunitário, solidariedade e respeito pela natureza.

Este *Caderno de sugestões do(a) educador(a) mediador(a)* foi produzido com a supervisão do Instituto Avisa Lá — Formação Continuada de Educadores, organização da sociedade civil sem fins lucrativos que vem contribuindo, desde 1986, para qualificar a prática educativa nas escolas públicas e em outros espaços educativos brasileiros.

**Bom trabalho!**

## POR QUE LER *TUIUPÉ E O MARACÁ MÁGICO*?

Há dois hábitos comuns a todos os seres humanos: contar e cantar. O ato de contar preserva a memória e mantém vivos os acontecimentos, desde os mais ordinários até aqueles contundentemente surpreendentes. Já o cantar carrega o ritmo e a musicalidade, que são inerentes ao ser humano, visto que já nascemos com uma percussão dentro de nossos corpos — as batidas do coração, cada pulsar do sangue. Assim, de certo modo, Tuiupés somos todos nós, e o maracá mágico é o nosso próprio corpo.

O livro *Tuiupé e o maracá mágico*, ao unir o gênero narrativa de cordel à temática indígena, leva o leitor em processo de alfabetização a um mundo em que ritmo e ações caminham em concomitância para manter viva a tradição oral e popular, refluir a força e identidade dos povos originários e formar futuros cidadãos com uma consciência ética, ambiental, histórica, cultural e simbólica, contribuindo para a equidade e a educação das relações étnico-raciais.

Tuiupé era uma menina indígena bastante sapeca e proativa, que aprendia com seus pais e avó os costumes de seu povo, desde o manejo da terra e seus frutos até os artesanatos produzidos pelas mulheres. Certo dia, depois de pescar e encontrar a cabaça ideal para o seu instrumento mágico, Tuiupé foi descansar abrigada em uma grande árvore, quando começou a chover. Ao avistar um arco-íris, a garotinha decidiu laçar uma das cores para colocar dentro do seu maracá, mas ela se desequilibrou e quase perdeu o seu chocalho encantado. Sua sorte foi que Tupã se compadeceu, enviou um gavião, resgatou o maracá e ainda deu para Tuiupé o poder de voar — evento que se tornou um segredo entre a menina e o criador de tudo.

### Quem escreveu e quem ilustrou este livro

Auritha Tabajara é cordelista, contadora de histórias indígenas, atriz e compositora. Nascida em 1979, no Ceará, é a primeira cordelista indígena do Brasil. Foi a partir do contato com as obras do poeta popular Patativa do Assaré que ela decidiu se tornar escritora, além de ter sido influenciada por sua avó, Francisca Gomes de Matos, uma das maiores contadoras do povo Tabajara. Sua primeira obra, *Magistério indígena em verso e poesia*, é resultado dos relatórios escritos por ela, em forma de cordel, durante os dez anos atuando como professora na comunidade de Tabajara e Kalabaça, na cidade de Porang, no Ceará. É autora de *Toda luta e história do povo Tabajara* e *Coração na aldeia, pés no mundo*, que recebeu o selo Altamente Recomendável pela FNLIJ e está na Biblioteca do Congresso em Washington, nos Estados Unidos. Atua como contadora de histórias e participa de Festas Literárias Internacionais. Suas obras são adotadas como material didático na rede pública cearense. É considerada pela rede Visibilidade Indígenas umas das 25 mulheres escritoras indígenas que devem ser conhecidas na contemporaneidade. É membra da Academia Internacional de Literatura Brasileira (AILB).

Paola Tôres é escritora e médica hematologista, pós-doutora pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e pela Escuela Matriztica no Chile, professora de Medicina na Universidade Federal do Ceará e na Univesidade de Fortaleza. Também é musicista e cordelista, membra da Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC), ocupando a cadeira que foi do poeta Manoel Monteiro e do cordelista Moraes Moreira. Nascida em Gravataí, no estado de Pernambuco, utiliza o cordel como ferramenta didática e terapêutica. Publicou mais de 13 livros e mais de 30 cordéis. Foi produtora e diretora do documentário *Caminhos da cura*, fonte de inspiração para a série *Sertão de dentro*, com o médico Drauzio Varella. É fundadora do Instituto Roda da Vida e, com o lema “Medicina, cordel e cantoria é remédio que veio para curar!”, adotou uma abordagem médica humanizada. Foi laureada com o Prêmio Literário Augusto dos Anjos e o Troféu de Melhor Canção no Festival FORRFEST.

Tai denomina-se artista visual. Nativa de Mairí — nome dado pelos indígenas tupinambás à região onde hoje se situa a cidade de Belém, no estado do Pará — e descendente dos territórios paraenses de Matapiquara e Alenquer, é palestrante, bacharel em Moda e mestre em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Destaca-se como ilustradora e quadrinista, criando universos baseados em suas vivências amazonenses e resgatando a cultura ancestral da sua região. É autora de HQs indicadas a importantes prêmios, como *Onde habita o medo*, pela qual foi vencedora como Melhor Roteirista do Prêmio Mapinguari de Quadrinhos. É uma das criadoras da rede MARPARÁ, que visa a dar visibilidade às mulheres artistas visuais do Pará, e do coletivo Quadrinistas Indígenas. Participa do núcleo de comunicação da Associação Indígena Multiétnica Wyka Kwara.

## Relevância da obra

No mundo contemporâneo, a formação literária se faz cada vez mais necessária. É inegável a qualidade estética das obras que compõem o cânone literário, mas é preciso ofertar aos leitores, desde a mais tenra idade, obras que promovam a inclusão, o respeito e a equidade, capazes de combater preconceitos e práticas racistas ou excludentes. Em vista disso, a leitura de *Tuiupé e o maracá mágico* é essencial para os leitores de 6 a 7 anos, que estão em pleno processo de alfabetização, pois apresenta a temática indígena por meio da literatura de cordel.

Gênero de matriz híbrida, que mistura poesia, música, teatro e crônica social, ao mesmo tempo que trafega pelo oral e o escrito, o performático e o impresso, o erudito e o popular, a narrativa em cordel é perfeita para aqueles que estão no limiar da fala para a escrita, principalmente por seu cunho mnemônico, portanto pedagógico. Logo, as crianças em fase de alfabetização desenvolvem a fruição leitora ao identificarem-se com a protagonista indígena, as relações familiares dela e sua interação lúdica com a natureza.

A musicalidade do cordel favorece o processo da memória na aquisição do repertório vocabular, ao mesmo tempo que insere os pequenos leitores na cultura letrada com um texto que circula socialmente e com forte viés crítico. Se considerarmos leitores do 1º e 2º anos do Ensino Fundamental, é provável que eles associem o cordel às cantigas e parlendas, ativando assim seus conhecimentos prévios. Além disso, o colorido das ilustrações aponta para a biodiversidade da flora e da fauna brasileira.

Assim, o livro coloca no cerne da formação leitora um gênero potente por seu modo de recepção e difusão: a leitura em voz alta, a declamação em cantorias, evidenciando sua circulação social. Ou seja, a obra favorece o letramento e a identificação dos leitores com a literatura, ao mesmo tempo que mantém vivas as práticas comunitárias de leitura, articulando texto escrito e oralidade, atuação da voz e do corpo e materialidade impressa do livro, cultura popular e aprendizagem escolar.

## Contribuição deste livro para a formação leitora

O imaginário infantil é repleto de curiosidade e amabilidade. Território da liberdade, ainda não foi colonizado pela cultura eurocêntrica, exatamente como o tempo em que se passa a história de Tuiupé: “Os povos originários/ vivem em segurança./ Aquele era um tempo bom,/ de paz, amor e bonança” (p. 6). Livre da lógica dominante de conquista e violência, tão presentes na típica jornada do herói, a narrativa de cordel criada por Auritha Tabajara e Paola Tôrres é de potência plural: a protagonista é uma menina, os mais velhos não são frágeis — e sim símbolos de cultura e sabedoria — e a relação da humanidade com o mundo e a natureza pauta-se pelo cuidado e pela interação responsável. Diferente da visão caricatural do *indígena* com sua flecha, a menina e seu pai não têm lanças ou flechas em suas mãos, mas sim maracás, instrumentos sagrados para invocar a cura: “Saracura possuía/ um bonito maracá,/ que chacoalhava contente/ cá pra lá e lá pra cá” (p. 9). E o pai adverte a filha: “A arte de curar é/ sempre o maior poder,/ bem melhor que guerrear./ Pratique e você vai ver” (p. 14).

A obra desconstrói a imagem do guerreiro num cenário constante de luta e erige-se como poética da escuta e da colheita, do cuidado e do respeito: “Juntos recolham plantas,/ flores, frutos e raízes/ para preparar remédios./ Estavam sempre felizes” (p. 7). Isso remete às ideias da escritora estadunidense Ursula K. Le Guin, em *Teoria da bolsa de ficção*, ao propor que a primeira ferramenta cultural pode ter sido um recipiente para carregar coisas (2021), como o cesto que Tuiupé trançava com sua mãe, e não uma lança. A partir dessa metáfora, é possível pensar a ficção como um campo criativo que versa sobre um modo de vida distinto, não regido pela ótica do capitalismo e da competição em que fortes dominam os fracos.

Dessa forma, a contribuição trazida por *Tuiupé e o maracá mágico* para a formação leitora dos pequenos aprendizes é crucial e revolucionária, pois apresenta um modo diverso de existir, no qual não existe a supremacia de um sobre o outro, mas um coabitar harmônico entre o homem e a natureza. Com isso, fomenta nos leitores em processo de alfabetização uma mentalidade ecológica, sustentável e coletiva por meio de uma organicidade que cuida — não invade e nem devasta —, contribuindo para que as crianças construam suas identidades e capacidades de atuação e interação no mundo de forma responsável, crítica, solidária e eticamente favorável à vida.

O pensador indígena Ailton Krenak, em *A vida não é útil*, posiciona-se contra uma educação que fortaleça o pensamento de que a criança deve seguir um “roteiro predefinido: vai ser engenheira, arquiteta, médica, um sujeito para operar no mundo, para fazer guerra; tudo já está configurado” (2020, p. 101). Desde aí sua proposta é o exercício contínuo de encantamento e escuta, em que possamos estar em plena consciência “do corpo, da mente, consciência de ser o que se é e escolher ir além da experiência da sobrevivência. [...] Viver a experiência de viver a vida de verdade deveria ser a maravilha da existência.” (2020, p. 107 e 110). Nesse sentido, a leitura de *Tuiupé e o maracá mágico* é porta de entrada para uma experiência estética e de fruição literária que preza pela relação harmoniosa com o planeta. Ao recolher sementes, flores, frutos e ervas e ao ouvir histórias e saberes dos mais velhos, a personagem se educa para usufruir da natureza sem usurpá-la. Esse processo reverbera na experiência do leitor, que encontra na sabedoria indígena outras formas de existência e concepções de mundo:

Tupã criou a floresta/ e os bichos lá da mata,/ as plantas que fazem chá,/ o rio, o lago e a cascata./ Por isso todos devemos/ respeitar a natureza,/ considerá-la sagrada/ em toda sua beleza./ Também devemos respeito/ aos parentes mais antigos,/ que guardam nossas memórias/ e conhecem os perigos (p. 11).

Assim, a reflexão gerada por essa obra — que aproxima criança e natureza, escolarização da leitura e sensibilidade estético-literária — rompe com um circuito pedagógico rígido e desperta o imaginário infantil para outro modo de experienciar o mundo, indo ao encontro do que preconizam as habilidades do campo artístico-literário da Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018), como também do que estabelece a Lei n. 11.645/2008 (Brasil, 2008), que garante a inclusão do ensino de história e cultura afro-brasileira e indígena no currículo escolar.

Nesse sentido, a obra cumpre o que afirma o crítico literário Miguel Sanches Neto: “A literatura não tem o papel de refletir a realidade, mas de refundá-la em outras bases, digamos, mais aéreas, mais fluídas, e dialeticamente, mais duradouras. Contém o que existiu, o que poderia ter existido e o que talvez venha a existir” (2015, p. 480). Logo, a leitura de *Tuiupé e o maracá mágico* pode ser esse portal para a equidade e a diversidade ancestral.

## PROPOSTAS DE MEDIAÇÃO

As propostas de leitura nas escolas e nas bibliotecas públicas ou comunitárias, embora compartilhem o objetivo de formar leitores, apresentam diferenças importantes. Nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, a escola é responsável por garantir o processo de alfabetização e a consolidação da leitura e da escrita. Nesse contexto, as práticas de leitura contam com acompanhamento do(a) educador(a) mediador(a) e envolvem tanto momentos coletivos, por meio da leitura compartilhada e mediada, quanto propostas que favorecem a leitura autônoma.

Nas bibliotecas, o acesso aos livros amplia o contato com a literatura e fortalece o vínculo com a leitura. Vale lembrar que, nesse contexto, a composição dos grupos é mais variável e flexível. As atividades e projetos sugeridos neste caderno podem ser adaptados a cada situação, respeitando as diferentes circunstâncias, mas sempre reforçando a importância da leitura como prática cultural e social.

Sugere-se que, antes da leitura, seja criada uma atmosfera convidativa, ambientando o espaço com elementos que remetam à temática do livro, como imagens de maracás, cestos de palhas, redes de pesca etc. É interessante dispor um tapete e algumas almofadas para que as crianças possam se sentar ao chão de forma confortável. Estabelecido o ambiente acolhedor e sugestivo, sugere-se realizar uma roda de conversa perguntando aos leitores em processo de alfabetização se conhecem os objetos mostrados nas imagens e ao que eles remetem. É fundamental manter a escuta ativa e atenta, atuando de forma a fortalecer o desenvolvimento da oralidade e os processos de compreensão do mundo. É importante combinar critérios para organizar os turnos de fala a fim de que todos possam participar respeitando uns aos outros.

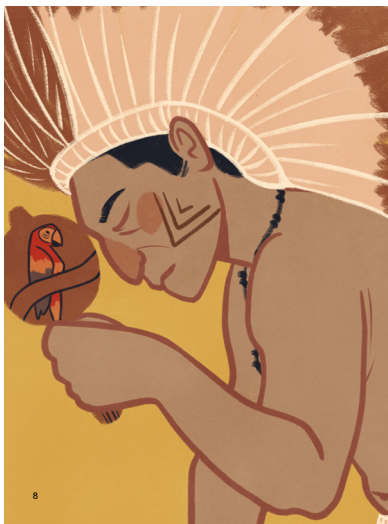
Antes de iniciar a leitura compartilhada, sugerimos uma imersão na cultura dos povos originários por meio dos grafismos indígenas. O(a) educador(a) mediador(a) pode selecionar da internet imagens que revelam distintos padrões e conversar sobre sua relação direta com os elementos culturais de cada povo. Podem ser linhas retas, verticais e horizontais, curvas, espirais, simétricas ou assimétricas, que, como uma roupa, conferem pertencimento aos indígenas. No decorrer da leitura, os leitores encontrarão esses traços nas imagens do livro. Depois da conversa e observação, pode-se convidá-los para criar padrões e desenhá-los no caderno, ou mesmo no antebraço com tinta para pintura facial. Com o cenário pronto e os leitores estimulados sensivelmente, sugerimos algumas chaves de leitura para a mediação de *Tuiupé e o maracá mágico*, promovendo o diálogo com o texto e com as imagens, ampliando a compreensão da narrativa e sempre respeitando a complexidade e a riqueza da cultura indígena.

De acordo com a educadora argentina Cecilia Bajour, existem “modos específicos de entrar nos textos” (2020, p. 64), as denominadas chaves de leitura. Como a chave que abre uma fechadura, a chave de leitura é uma maneira de abrir a obra literária. Assim como é possível escolher as formas de entrar em uma casa, podemos ter diferentes formas de adentrar um texto para favorecer a compreensão leitora. Essas chaves são importantes para planejar a conversa entre os leitores a fim de garantir que eles possam usufruir mais da obra e assim ampliar os sentidos construídos durante a leitura. E, durante a mediação, pode ser que surjam outras entradas propostas pelo grupo.

## Olhar que escuta: o que as imagens nos contam?

A leitura visual é tão importante quanto a leitura das palavras. Ciente disso, o(a) educador(a) mediador(a) pode perguntar aos leitores se eles já visitaram alguma aldeia indígena. A partir das respostas, pode-se anunciar que eles vão visitar um território indígena de forma diferente: entrando em um livro. Sugere-se começar mostrando a capa e a quarta capa, deixando que compartilhem suas impressões enquanto são estimulados por perguntas. O que está acontecendo com a menina? O que ela tem em mãos? Como é possível concluir que ela é uma menina indígena? O que será que o livro conta?

O(a) educador(a) mediador(a) pode esclarecer que os povos originários vivem em aldeias, em sistema comunitário, e que, desde 1500, quando os portugueses chegaram ao Brasil, eles lutam por seus territórios a fim de se manter em seus espaços, onde preservam o ecossistema — tanto a fauna quanto a flora. Pode-se criar uma metáfora para os leitores, sugerindo o livro com um território narrativo indígena. A expansão desse território narrativo surge como analogia de uma reparação histórica aos povos originários. Em *Tuiupé e o maracá mágico*, as ilustrações cumprem de modo preeminente a função narrativa:



Diante dos olhos dos leitores estão mãe e filha indígenas, o pajé, a avó curandeira — não mais uma realidade negada e um passado apagado. Os leitores podem se aproximar do universo e da cosmovisão dos indígenas de forma respeitosa, absorvendo em versos e imagens uma outra forma de ver o mundo.

É importante destacar os papéis sociais que compõem a comunidade indígena, problematizando como isso se dá na contemporaneidade. Quem transmite as tradições para a Tuiupé? Quem lhe ensina os artesanatos de seu povo? Quem se incumbem de cuidar da natureza? Quem se vale da natureza para promover cuidado e saúde para o povo? Vale chamar a atenção para os detalhes visuais, como a expressão dos personagens, o uso de cores e a construção do ambiente. Os elementos do cotidiano presentes na narrativa são fundamentais para desconstruir estereótipos, como pontua a escritora indígena Julie Dorrico:

[...] os autores [indígenas] perceberam em suas narrativas um potencial para diminuir a distância construída pela história e literatura oficiais em relação aos povos indígenas. Ao desmistificar desde cedo pelo livro indígena as imagens pejorativas cimentadas ao longo dos séculos, as crianças e os educadores não indígenas poderiam (e podem) aprender a respeitar a diversidade pluriétnica. Por isso, a literatura indígena infantojuvenil dá-se a conhecer via narrativa: na descrição do cotidiano, dos modos de vida tradicionais, da história das organizações sociais, das crenças, das lutas políticas, indo por outro caminho que não a famigerada armadilha do exótico, que os lança ao passado e os proíbe de desfrutar o presente (2020).

À medida que a mediação avança, sugere-se incentivar os leitores para que observem a maneira de viver dos povos originários e reflitam sobre a sua própria maneira de viver, de forma que a leitura literária se potencialize para uma educação dos sentidos, da diversidade e do respeito às relações étnico-raciais, reconhecendo diferentes modos de organização social e familiar.

## Narrativas da tradição e cosmovisão

Em *Tuiupé e o maracá mágico* encontramos duas forças da tradição oral: a narrativa de cordel e a narrativa indígena. Embora pertençam a universos distintos, ambas nascem do mesmo desejo fundamental: transmitir saberes por meio da oralidade. A narrativa de cordel advém da tradição popular nordestina e é marcada pelo ritmo da rima — ainda que esteja impressa num folheto, não perde sua origem performática, tornando-se um duplo movimento: oral e escrito. A narrativa indígena, por sua vez, compreende a palavra em seu poder criador e ancestral: funda mundos, pois palavra, mito e território estão entrelaçados. Em *Tuiupé e*

*o maracá mágico*, as duas formas se entrelaçam compondo uma cosmovisão firmada na legitimação e na resistência, pois convocam os leitores e ouvintes a reconhecer suas culturas e compreendê-las para além da lógica da escrita.

Nesse sentido, gênero e temática alinham-se ao universo dos leitores em processo de alfabetização, considerando que a criança alcança o ato de falar antes do ato de escrever. Ela experimenta a literatura pela escuta antes mesmo de poder escrever, uma vez que sempre esteve inserida na cultura letrada. Por isso, apresentar a literatura indígena por meio do cordel gera encantamento e reconhecimento, além de divertir e inserir os leitores no domínio da escrita por meio da métrica, com seus versos ritmados.

Por isso, é importante que a mediação seja feita de forma bastante criativa e animada, exatamente como fazem os cordelistas a fim de chamar atenção para suas produções. Uma boa entonação da leitura desperta a fruição leitora, de modo que o(a) educador(a) mediador(a) pode ler os versos iniciais e convidar os leitores que já dominam a escrita para participar desse jogo de leitura, iniciando a prática de leitura comunitária, tal qual fazem os poetas de cordel nas feiras e eventos e os anciãos nas aldeias indígenas. Pode-se convidar as crianças a sentir a musicalidade ao recitar os versos de *Tuiupé e o maracá mágico*.

Para destacar a cosmovisão indígena, sugerimos a leitura das estrofes da página 11, momento em que a palavra cantada faz alusão à palavra mítica, trazendo Tupã como criador da floresta e os “parentes mais antigos” como guardiões das memórias do povo indígena.

Depois da leitura, o(a) educador(a) mediador(a) pode perguntar se os familiares dos leitores têm o hábito de partilhar histórias e memórias de seus antepassados. Pode-se pontuar que essas vivências cultivam os costumes e a cultura da família, assim como fazem os cordelistas e os mais velhos entre os povos originários. Por fim, é interessante demonstrar que a narrativa de cordel de temática indígena e as narrativas familiares se aproximam como linguagens da coletividade e da escuta, mantendo vivas as memórias de seus povos. Nesse sentido, é oportuno destacar os versos que descrevem a irmã de Tuiupé: “*Auritha era muito alegre,/ sempre a recontar histórias/ da saga dos ancestrais/ de quem honrava as memórias*” (p. 9). Também vale mencionar os versos que tratam da avó de Tuiupé e dos hábitos da aldeia: “*A avó de Tuiupé/ muitas coisas lhe ensinava,/ pois os segredos das plantas/ e das rezas dominava./ Na aldeia todos gostam/ de ouvir muitas histórias/ falando dos ancestrais/ e das suas trajetórias*” (p. 12).

Esses excertos elucidam o saber indígena como algo geracional e apontam que a oralidade é o meio para a transmissão das tradições. Assim, a materialidade do texto torna-se território de resistência cultural e, valendo-se da estrutura cordelista, que é tradição popular, ocupa espaços físicos e literários antes ocupados exclusivamente por uma literatura branca e eurocêntrica. A palavra torna-se escudo e ferramenta de resiliência, tanto da literatura oral, representada pela narrativa em cordel, quanto dos costumes e da cultura indígena.

Além disso, a estrutura textual em versos, com o uso de uma métrica fixa (quartetos em redondilha maior), beneficia tanto a percepção da oralidade — pois as rimas tornam o texto acessível e agradável à prática leitora — quanto a escrita — pois a estrutura poética coesa e econômica não constrange as crianças, que podem se sentir incentivadas a praticar suas competências escritoras, quer para reproduzir os versos lidos, quer para criar os próprios.

Se apresentar um gênero que está no limiar entre o popular e o letrado já é um enorme ganho para o leitor em formação, abordar a temática indígena é ainda mais significativo e amplia o caráter plural do cordel ao dialogar com outras matrizes culturais e cosmológicas. Ao considerar que o cordel costuma oferecer crônicas da realidade ou registros históricos do ponto de vista popular, compreende-se que se trata de uma literatura criada por aqueles que não são comumente ouvidos pela elite econômica e social. Nesse sentido, aproxima-se da luta dos povos indígenas, que também tiveram suas culturas e identidades apagadas, esquecidas e silenciadas.

Caso a mediação ocorra em bibliotecas escolares ou comunitárias, o(a) educador(a) mediador (a) pode convidar os leitores para explorar o território em busca de tesouros escondidos entre as estantes, assim como Tuiupé e sua família exploravam a floresta, interagindo com o ambiente de forma orgânica. Isso pode fomentar respeito e curiosidade pelo espaço da biblioteca. É interessante ressaltar que, assim como a floresta é rica, bibliotecas também são e guardam segredos à espera de alguém que os descubra, tal qual Tuiupé a encontrar no arco-íris exatamente o que precisava para o seu maracá mágico:

Notou que um lindo arco-íris/ da chuva estava correndo,/ e as cores  
na sua cauda/ iam desaparecendo./ Tuiupé rapidamente/ pegou o  
seu ponaká./ Laçou a mais bela cor/ e escondeu no maracá./ Aquela  
cor encantada/ ela escolheu com carinho,/ pra ingrediente secreto/  
ia servir direitinho./ Ficaria bem guardada/ lá dentro do maracá,/  
que iria chacoalhar/ de cá pra lá, de lá pra cá (p. 21-22).

A analogia com a biblioteca salienta que o conhecimento adquirido por meio da leitura literária fica bem guardado na memória, e, assim como o maracá passou a ter poderes com a bela cor dentro de si, os leitores tornam-se potentes em sua atuação no campo da vida social quando colocam seus conhecimentos em prática.

## A relação entre o cordel e a musicalidade indígena

A mediação já abordou *Tuiupé e o maracá mágico* como território narrativo visual, por meio das imagens, e como território de resistência cultural, por meio da cosmovisão trazida pelas tradições orais, tanto popular quanto indígena. Agora é o momento de explorar o livro de forma sensorial, através do ritmo métrico do cordel e dos instrumentos indígenas, explorando a escuta rítmica, corporal e poética, ao mesmo tempo que são valorizados os saberes indígenas como sistemas musicais e narrativos.

Cecilia Bajour afirma que “o encontro próximo com o lido e o escutado que é ativado em cada leitora ou leitor poderia ser multiplicado para um plural, uma confluência de espaços próximos: como uma constelação intersubjetiva de incertezas e certezas que podem ser acionadas em situações de leitura” (2023, p. 27). Considerando isso, misturar som, corpo, memória e imaginação é uma entrada sensível de leitura, ao mesmo tempo que promove uma educação para os sentidos, estética e ética.

Nesse sentido, os leitores estabelecem um vínculo com o livro por meio da corporeidade da leitura promovida pela musicalidade ancestral indígena. A criança aprende ao olhar, silenciar, resgatar memórias, compartilhar histórias, mas também ao tocar, cantar e dançar. A menção explícita à musicalidade ocorre em diversas passagens da obra, como: “Com sua mãe Tuiupé/ cedo aprendeu a cantar, [...]” (p. 7). Também em: “Saracura possuía/ um bonito maracá,/ que chacoalhava contente/ cá pra lá e lá pra cá” (p. 9). Ou ainda em: “O maracá para todos/ é um objeto sagrado./ Pois se alguém fica doente,/ com seu som será curado./ O pajé, pra quem não sabe,/ é o médico da aldeia,/ pra cuidar de todo mundo/ e cantar na lua cheia./ Quando todos reunidos/ se unem pra festejar,/ com alegria o toré/ gostam muito de dançar” (p. 10).

Para os povos originários, o som, o ritmo e a dança não são acessórios, mas modos legítimos de existência, memória, identidade cultural e resistência. Os povos da floresta cantam e dançam, em suas cerimônias, evocando suas narrativas míticas. Para eles, o maracá não é um chocalho qualquer, mas um instrumento de cura. Assim como o pau de chuva remete aos ciclos da natureza e os bastões de ritmo marcam o tempo, tanto da fala quanto da escuta, e até da pausa e do silêncio.

## ATIVIDADES E PROJETOS LITERÁRIOS

As propostas de leitura nas escolas e nas bibliotecas públicas ou comunitárias, embora compartilhem o objetivo de formar leitores, apresentam diferenças importantes. Nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, a escola é responsável por garantir o processo de alfabetização e a consolidação da leitura e da escrita. Nesse contexto, as práticas de leitura contam com acompanhamento regular, e envolvem tanto momentos coletivos, por meio da leitura compartilhada e mediada, quanto propostas que favorecem a leitura autônoma. Nas bibliotecas, o acesso aos livros amplia o contato com a literatura e fortalece o vínculo com a leitura, mesmo que o objetivo não seja propriamente a alfabetização das crianças que as frequentam. Vale lembrar também que, nesse contexto, a composição dos grupos é mais variável e flexível. As atividades e projetos sugeridos neste caderno podem ser adaptados a cada situação, respeitando as diferentes circunstâncias, mas sempre reforçando a importância da leitura como prática cultural e social.

### **Atividade Criando instrumentos e sons**

A fim de explorar a musicalidade do cordel, pode-se disponibilizar aos leitores bastões para a marcação de ritmo (pedaços de tubos de PVC ou de cabo de vassoura ou rodo). Deve-se esclarecer que os bastões funcionam como instrumentos de percussão. Com esses materiais, o(a) educador(a) mediador(a) pode realizar a leitura e, atuando como modelo, selecionar uma ou duas estrofes da obra para ler em voz alta batendo os bastões ao final de cada rima. Desse modo, os leitores perceberão a marcação musical promovida pelas rimas. Feito isso, pode-se distribuir os materiais para os participantes e orientá-los a ler o início da narrativa indígena, criando, com os bastões, a cadência da leitura, batendo-os a cada rima lida. Para garantir a ludicidade, podem ser realizadas perguntas para manter a turma engajada. Tem batida nesse verso? E no fim dessa estrofe?

Além do uso dos bastões, é possível criar com os participantes outros instrumentos, como maracás, reco-recos, cuias e tambores, improvisando-os com o que há na escola ou na biblioteca. Sementes dentro de recipientes formam instrumentos, lápis batendo um no outro também, caixas podem se tornar tambores. O mais importante é a criatividade para gerar fruição estética e para mostrar aos leitores que um livro é mais do que páginas reunidas, ou seja, é um rico universo em que diferentes linguagens se encontram: visual, sonora e escrita. Para finalizar, é interessante propor a criação de uma apresentação em que os leitores contem sua versão da história, improvisando versos e tocando seus instrumentos.

### **Atividade O que a terra me dá? O que ela espera de mim?**

Considerando a relação de Tuiupé e de seus familiares com o meio ambiente, a atividade propõe uma conversa sobre reciprocidade e cuidado com a natureza, inspirada pela leitura oral compartilhada do livro. Para isso, o(a) educador(a) mediador(a) pode retomar com a turma o momento em que Tuiupé procura uma cabaça especial para fazer seu maracá mágico. Em seguida, sugere-se incentivar os leitores a partir de questões norteadoras. O que a terra oferece a cada um de nós? O que será que ela gostaria de receber em troca? Os participantes podem compartilhar suas vivências com a terra — como brincar na areia, plantar com a família, andar descalço no quintal ou passear em parques. Se possível, pode ser realizado um passeio pelos arredores da escola ou da biblioteca para observar as cores, as texturas e os cheiros da terra e das plantas. Depois, o(a) educador(a) mediador(a) pode ajudar os participantes a criar duas listas coletivas: uma com palavras que representem aquilo que a terra oferece (como frutos, sombra, flores, raízes), e outra com palavras que expressem o que os leitores acreditam que ela gostaria de receber (como carinho, cuidado, silêncio, respeito). Essas listas podem servir como sementes para o projeto Oficina de cordéis.

### **Atividade O que carrego na minha bolsa de histórias?**

Baseando-se na teoria da bolsa de ficção de Ursula K. Le Guin (2021), a atividade visa a despertar os leitores para o ato de contar histórias como um gesto de compartilhar memórias, cores, cheiros, imagens e sentimentos. Dessa forma, os participantes podem desenvolver a escuta, a imaginação e a oralidade, além de ser estimulados tanto à criação literária por meio de objetos simbólicos quanto a valorizar a pluralidade das narrativas e suas experiências de vida.

A princípio, o(a) educador(a) mediador(a) deve criar um ambiente agradável, organizando o espaço com tapetes e almofadas para que os leitores se sintam seguros e acolhidos. Depois, deve-se contar para os participantes que uma escritora estadunidense imaginou que o primeiro objeto da humanidade foi uma bolsa, porque nela caberiam todas as coisas verdadeiramente importantes, como comidas, lembranças e histórias. Pode-se combinar com alguém da equipe escolar ou da biblioteca para que apareça e entregue uma bolsa previamente separada e abastecida. Em seguida, o(a) educador(a) mediador(a) pode narrar que a bolsa de ficção estava “perdida” mundo afora, mas que agora encontrou o seu lugar, trazendo pequenos mimos e objetos para ajudá-los a contar ou criar suas próprias vivências com a natureza.

Sugere-se orientar uma criança a colocar a mão dentro da bolsa e retirar algo dali, criando uma frase criativa, verso ou estrofe sobre o objeto ou palavra escrita num papel. Por exemplo, se a criança retirar uma pedrinha da bolsa, ela pode criar uma frase como: “Essa pedrinha

guarda a gargalhada de uma coruja”. Assim, de forma sequencial, leitor a leitor pode criar a obra coletiva com o apoio do(a) educador(a) mediador(a), que deve atuar como escriba. No fim, a turma vai ter criado sua “bolsa coletiva de ficção”, que pode se manter na sala de aula ou na biblioteca, em exposição permanente, tornando-se um relicário poético do grupo.

### **Projeto Oficina de cordéis**

O projeto tem como objetivo promover a escrita a partir do contato que os leitores em processo de alfabetização tiveram com a obra e pode ser divulgado na escola ou na biblioteca, para os familiares e amigos, e em pontos de circulação próximos, como praças e ruas movimentadas, para atrair o público local.

A proposta é que os pequenos leitores retornem ao livro, revisitando as imagens e, a partir delas, criem seu próprio cordel de temática indígena, tendo como mote a seguinte reflexão: “Pense numa coisa da terra e do universo de Tuiupé e do povo indígena que quer manter viva”. Com apoio do(a) educador(a) mediador(a), que deve atuar como escriba, cada participante deve criar de duas a três estrofes, incluindo ilustrações para elas. Por fim, utilizando materiais como folha de sulfite, lápis de cor ou giz de cera, os participantes podem transformar suas produções em folhetos para serem expostos nos espaços de circulação da escola ou da biblioteca. A ideia central desse projeto é a ocupação de territórios pela literatura de cordel de temática indígena, fazendo com o que o público frequentador desses ambientes estabeleça contato com o gênero e a temática de *Tuiupé e o maracá mágico*.

### **Projeto Oficina de retratos com rosto-território**

Retomando os personagens Saracura e Yacunã, respectivamente pai e avó de Tuiupé, o projeto visa a criar retratos de pessoas mais velhas da comunidade familiar ou escolar, de forma a valorizá-los como transmissores de cultura e guardiões da memória, estimulando o respeito às ancestralidades.

O(a) educador(a) mediador(a) deve orientar cada criança a escolher uma pessoa mais velha importante para ela. Então, utilizando técnicas como desenho, pintura com guache, urucum, barro ou carvão, cada participante deve criar um retrato da pessoa selecionada. Além da pintura, as crianças podem conversar com o adulto ou idoso retratado e coletar uma frase para servir de legenda da obra. Em seguida, deve ser escolhido um espaço na escola ou na biblioteca, em que ficará um mural coletivo, também como exposição permanente, cujo título pode ser: “A terra dá, os velhos guardam”, numa referência à atividade já feita anteriormente pela turma. As crianças devem colar os retratos criados, organizando-os de forma atrativa para o mural. Se possível, pode-se agendar uma data para a inauguração do mural com a presença de todos os retratados.

## RECURSOS COMPLEMENTARES

### **Academia Brasileira de Literatura de Cordel — site**

ACADEMIA BRASILEIRA DE LITERATURA DE CORDEL. Site oficial. Disponível em: <https://tinyurl.com/academia-cordel>. Acesso em: 1 jun. 2026.

A fim de entrar em contato com a literatura de cordel produzida no Brasil, leitores e educadores(as) mediadores(as) podem explorar o *site* desse importante espaço cultural de preservação da cultura popular brasileira.

Na entrevista, Paola Tôrres fala sobre sua trajetória como artista e destaca como obras como *Tuiupé e o maracá mágico* expressam sua conexão com a ancestralidade, a cultura indígena e a força simbólica da arte no cuidado com a vida.

Nessa entrevista, leitores e educadores(as) mediadores(as) podem aprofundar seu conhecimento sobre a ilustradora da obra, mergulhando na imersão que ela faz em torno de sua ancestralidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAJOUR, Cecília. *Cartografia dos encontros: literatura, silêncio e mediação*. Traduzido por Cícero Oliveira. Lauro de Freitas: Solisluna; São Paulo: Selo Emília, 2023.

BAJOUR, Cecília. *Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura*. Tradução: Alexandre Morales. São Paulo: Pulo do Gato, 2020.

BRASIL. *Lei n. 11.645*, de 10 de março de 2008. Altera a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Brasília, DF: Presidência da República, 2008. Disponível em: <https://tinyurl.com/lei-afro-indigena>. Acesso em: 10 jun. 2026.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/Consed/Undime, 2018. Disponível em: <https://tinyurl.com/base-mec>. Acesso em: 1 jun. 2026.

DORRICO, Julie. Ouvir a diferença: obras voltadas para crianças se tornam uma alternativa para autores indígenas ajudarem seus povos em meio à pandemia de Covid-19. *Quatro cinco um*, out. 2020. Disponível em: <https://quatrocincoum.com.br/artigos/literatura/literatura-infantojuvenil/ouvir-a-diferenca/>. Acesso em: 1 jun. 2026.

KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LE GUIN, Ursula K. *A teoria da bolsa da ficção*. Tradução de Luciana Chierigati e Vivian Chierigati Costa. São Paulo: N-1 Edições, 2021.